

27-10-2023

## QUANDO O CORAÇÃO LÊ

**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Nos últimos dez anos, profissionalmente e por paixão, me envolvi com a questão central que Roland Barthes, Umberto Eco, Alberto Manguel, Heloísa Buarque de Hollanda, assim como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves e tantos outros se preocuparam: a leitura. Ler, para esses e outros autores, começa pelo código linguístico, mas o ultrapassa. Trata-se de uma densa experiência humana de olhar, sentir, interpretar e imaginar o mundo, atravessada pela mediação irreparável da linguagem. Estimulado por estudos, parcerias e leituras no campo literogeográfico, passei a escrever entusiasmado com as possibilidades de transformar vivências de pesquisas relacionadas à temática da mineração. Assim, escrevi o livro *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*. Segundo Umberto Eco, a pessoa que escreve, escreve para alguém ler. Esse alguém é o leitor, de quem não se sabe o nome, a altura, a classe e os gostos; não se sabe a cidade, o bairro e a rua onde mora. O leitor é um sujeito desconhecido que pode ser um viajante, um “Crusoé de poltrona”, como definido por Manguel. Ele viaja entre parágrafos e páginas, viaja entre paisagens e espaços fictícios, viaja ao encontro de personagens desconhecidos. Quando lançamos um livro ao público, seu destino inevitável são as mãos e os olhos desse sujeito - o leitor - que aparentemente é abstrato, mas no fundo é concreto. ....

Diante das palavras que descrevem experiências do escritor, o leitor poderá sorrir, emocionar, chorar, indignar, concordar ou discordar. .... É insondável o destino de um livro. Ele poderá servir, inclusive, apenas para preencher os buracos das prateleiras de bibliotecas. Não sabemos o destino de um livro quando jogado à multidão de leitores cada vez mais interessados nas narrativas de autoajuda, conselhos de coaches ou de guias esotéricos. Temos dúvidas se nossos livros serão de interesse de sujeitos insuflados na “sociedade do cansaço” (Han, 2019) ou entregues ao “extrativismo da atenção” (Bucci, 2021) provocado pela “superindústria do imaginário” (Bucci, 2021). Contudo, de maneira surpreendente, o meu livro *Onde você está nesta lama?* teve uma leitora especial, a minha avó Luzia, de 82 anos. Vó Luzia vem de tempos remotos, de um mundo rural povoado por causos ancestrais transmitidos pela exímia oralidade de trabalhadores. De família de roceiros analfabetos, frequentou pouco a escola. Mas, aprendeu a escrever bem o nome e a ler silenciosa e devagar. Sua atitude aproxima-se do que disse Manguel: “a descoberta da arte da leitura é íntima, obscura, secreta, quase impossível de descrever” (2021, p. 165). Em uma de minhas viagens a Santa Rosa, distrito de Coromandel (MG), pouco depois de lançar o livro, deixei um exemplar na casa da avó Luzia. Quis presentear-lá com meu primeiro livro de crônicas autoral. Foi um gesto simbólico, uma forma de agradecer-lá pelo que fez por mim quando comecei a estudar.

Foi ela que me acompanhou na primeira vez que pisei no chão da escola. Desde menino, ouvia dela e de meu avô que “o estudo é a única coisa que ninguém roubará de você”. Retornei a Goiânia (GO) e me esqueci do gesto: presentear a vó Luzia, uma camponesa do mundo sertanejo mineiro, com o livro sobre os desastres do modelo de mineração brasileiro. Após alguns meses, ao telefone com minha mãe, soube que a vó havia lido o livro. Essa descoberta me deixou surpreso e emocionado. Desde a publicação, recebi comentários de professores, estudantes, amigos e pesquisadores do tema, gente ligada ao trabalho na universidade. Mas, não imaginava que entre os leitores e as leitoras, existia uma tão especial. Sabia da predileção da vó Luzia pelas leituras. Muitas vezes a presenciei nas manhãs e tardes coruscantes do sertão mineiro, recolhida na varanda, a ler, palavra por palavra, frase por frase, as páginas da bíblia e de alguma revista ou livro religioso. Também admirava sua exímia memória quando recitava rezas e cantorias do catolicismo popular de roça. Reconhecida na região como benzedeira diligente, foi essa camponesa que leu meu livro como um gesto sagrado, uma maneira de declarar seu amor ao neto. Certamente, essa mulher sertaneja não leu o livro para formular um projeto intelectual, nem para fazer uma dissertação ou uma tese, muito menos para ampará-la a escrever uma carta ao governador de Minas Gerais ou ao presidente da república contestando as leis ambientais e trabalhistas que amparam o modelo mineral brasileiro. Durante dias concentrou seus olhos cansados nas frases e parágrafos para descobrir neles a alma do Brasil, a lama do país. Mas, não leu com o propósito de elaborar uma crítica às empresas Samarco e Vale que construíram barragens de rejeitos e reduziram os custos de monitoramento e prevenção do desastre. A singela anciã do sertão leu com um propósito, fazer o seu coração se aproximar do meu. Ela leu por amor. Quando retornei a Santa Rosa, perguntei à vó Luzia sobre a leitura do livro. Ouvi dela as seguintes palavras:

*“Dei conta de ler o livro todinho. Cada dia eu lia, cada dia tirava um tempinho para ler. Gastei bem uns dias, mas fui lendo devagar até o final. Eu gosto de ler, leio devagar devido as vistas fracas.*

*Para as leituras fico quietinha em um lugar mais claro e tranquilo. Nas horas que estou mais folgada e sozinha eu gosto de ler para entreter. Ao ler, me distraio de muitas coisas.*

*Antigamente a gente quase não lia, trabalhava demais, não tinha tempo. Agora que não trabalho tanto, tiro um tempo para as leituras. Foi assim que pude ler seu livro.*

*Li todo ele devagarinho. Achei você inteligente, capaz de emendar as histórias. Eu fiquei curiosa pelas histórias que você contou, mas também fiquei triste ao saber o que aconteceu com as pessoas que passaram por aquelas tragédias da mineração. Eu fiquei emocionada, foi muito triste o que as empresas fizeram. Mas, gostei mesmo dos causos de garimpeiros que você narrou, me lembrou das histórias de seu avô e de seu tio Manoel, que foram garimpeiros”.*



Recolhi as palavras da vó Luzia para entoar uma descoberta: quando o coração lê, qualquer interpretação gagueja diante da inesgotável experiência humana narrada em um livro. Quando o coração lê, o tamanho de um gesto não cabe na métrica de um verso ou no enredo de um conto. Quando o coração lê, as explicações, as filosofias, as teorias ou as gramáticas não bastam. Quando o coração lê, não é necessário decifrar palavras complexas, características da estilística acadêmica. Quando o coração lê, a principal forma de expressão da linguagem é o sorriso autêntico da mulher de eras ancestrais, minha avó Luzia. Depois de saber que *Onde você está nesta lama?* teve como leitora minha avó, compreendi que minerar com palavras possibilita descobertas de leitores que pareciam inalcançáveis. ....

**O gesto dessa camponesa de Minas foi tão belo como as revoadas de sabiás do quintal de sua casa, onde passei a infância e riscava no chão vermelho as primeiras palavras que aprendia na escola. Seu exemplo demonstra que quando o coração lê, o texto abre-se às infinitas possibilidades de realização da linguagem, inclusive a linguagem do amor da avó pelo neto.**



- Han, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- Bucci, Eugênio. *A superindústria do imaginário*. São Paulo: Autêntica, 2021.
- Manguel, Alberto. *O leitor como metáfora*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*